

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DOUBLE BILL

3 de Junho de 2023

XAVIER / 1991-2002

um filme de MANUEL MOZOS

Realização: Manuel Mozos *Argumento:* Jorge Silva Melo, Manuela Viegas, Manuel Mozos *Música Original:* Mariana Ricardo *Direcção de Fotografia:* José António Loureiro *Som:* Vasco Pimentel *Montagem:* Manuel Mozos, Nuno Carvalho, Pedro Marques *Décors:* Jeanne Waltz *Guarda-roupa:* Manuela Viegas *Caracterização:* Margarida Miranda *Anotação:* Ana Silva *Assistente de Realização:* Manuel João Águas *Interpretação:* Pedro Hestnes (Xavier), Cristina Carvalhal (Rosa), Sandra Faleiro (Luísa), José Meireles (Hipólito), Canto e Castro (Alves), Isabel de Castro (Irmã Luz), Isabel Ruth (Laura), José Pedro Gomes (Pires), Alexandra Lencastre (Carla), Rogério Samora (Tiago), David Cotter (Quim), Celeste Rodrigues (Fernanda), Manuela de Freitas (doente do hospício) e José Mora Ramos (Capitão Mendes).

Produção: Paulo Rocha / SUMA Filmes (Portugal, 1991-2002) *Produção Executiva:* João Pedro Bénard *Estreia em Portugal:* 17 de Novembro de 2003, nos cinemas Twin Towers e El Corte Inglés (Lisboa) *Ante-estreia:* 10 de Outubro de 2003, na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 91 minutos.

Xavier é apresentado em *double bill* com *Portrait d'une jeune fille de la fin des années 60 à Bruxelles* de Chantal Akerman (1993) ("folha" distribuída em separado) | entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

There was a naughty Boy, / A naughty boy was he,
He would not stop at home, / He could not quiet be (...)

A Song About My Self John Keats

Xavier é um grande caso do (ou *no*) cinema português. Começando no da história da ziguezagueante produção. A sua, de certo modo terrível, singularidade não permite que esta seja elidida como, de resto, ficou inscrito nos créditos finais que, pouco antes da data do *copyright* (2002) esclarecem "filmado em Lisboa e na Malveira em 1991". É verdade que foi preciso esperar por *Xavier* durante doze anos e que, como escreveu Manuel Mozos para a sessão de ante-estreia em 2003, apesar do mau hábito de não ser pontual, ele próprio não supunha chegar tão atrasado. O facto é que as filmagens foram interrompidas no último dia de rodagem em 1991 por falência do produtor e que a suposta pausa para ultrapassar o problema se prolongou numa suspensão desesperante que só nos anos 2000 teve um desfecho. Facto também é que o que seria uma das mais fulgurantes primeiras obras do cinema português dos anos 1990, contemporânea de *O Sangue* de Pedro Costa (1990) ou de *A Idade Maior* de Teresa Villaverde (1991), só foi acabada e vista na década seguinte após a estreia, em 2000, da segunda longa-metragem de ficção de Mozos, *Quando Troveja...* Houve uma outra primeira vez para Mozos, em 1989, com *Um Passo, Outro Passo e Depois...*, realizado para a RTP como (tele)filme da série "Corações Periféricos" e votado a uma aparente maldição quando o desaparecimento dos materiais o condenou à invisibilidade – sobrou uma cópia betacam manhosa que nem chega a ser uma pálida imagem do filme. Entretanto, de Mozos, até 2002, houve filmes "sobre" cinema português (*Lisboa no Cinema – Um Ponto de Vista; Cinema Português...? Diálogos com João Bénard da Costa; Os Tristes Anos: História do Cinema Português 1945-1960*); um documentário-retrato de escritor (*José Cardoso Pires*); um primeiro filme-montagem de cortes de censura feito para a Cinemateca (*Censura – Alguns Cortes*).

A interrogação sobre quais teriam sido os passos de Manuel Mozos se *Xavier* não tivesse permanecido tanto tempo a pairar como um espectro alimentou muitas reflexões por altura da sua estreia. Não é uma questão de somenos, mas faz agora mais sentido olhar *Xavier*, visto daqui. É um grande filme onde cabe por inteiro o universo de Mozos, desde logo no desamparo do Xavier de Pedro Hestnes, mas também na multiplicidade de personagens; mantém a frescura de uma primeira obra e guarda o tempo entretanto passado no impressionante retrato de Lisboa que também é – os tempos são outros e Lisboa já não era a mesma, o que foi curioso notar em retrospectiva numa obra apresentada pela primeira vez mais de uma década passada sobre o seu primeiro momento. Em *Xavier* a Lisboa de Manuel Mozos situa-se algures entre a de *Os Verdes Anos* de Paulo Rocha (1963) e a de *António, Um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo (2000). Não é de estranhar. Mozos

e Silva Melo trabalharam juntos no argumento de *Xavier* e posteriormente no princípio do projecto que conduziu ao *António*. Se também se pode falar do *Belarmino* de Fernando Lopes (1964) ou da influência de Zurlini (fiquemo-nos pelas mais evidentes), *Os Verdes Anos* é uma das referências de *Xavier*, explicitamente evocado no travelling do passeio de Xavier e Rosa pelo campo dentro da cidade com os prédios em fundo, em passos parecidos aos das personagens de Isabel Ruth e Rui Gomes no filme de Paulo Rocha. E sem forçar muito, repare-se que Isabel Ruth é a mãe silenciosa de Xavier e, já agora, também, que foi Paulo Rocha, como produtor, quem agarrou em *Xavier* permitindo-lhe passar da qualidade de espectro à de filme – finalmente e em boa hora – acabado. Coincidências? Mesmo que as haja, não chegam e a evocação dos *Verdes Anos* é de Mozos.

Xavier começa pelo princípio e antes do genérico surgem os dados da história do protagonista: do enquadramento da copa de uma árvore passamos, sem corte, a um longo travelling lateral que acompanha uma mãe e um filho criança até à porta de um orfanato onde ela o vai deixar e onde o miúdo conhece um amigo, Hipólito. Grande plano frontal de Isabel Ruth e plano simétrico dela de costas a atravessar a estrada em direcção à linha do comboio. Passa um carro e, na direcção oposta à do carro, um comboio. Nesse instante, como se respondesse a um “plim”, Isabel Ruth desaparece de campo. O raccord sonoro, do comboio, faz-se com o plano seguinte, um grande plano de Xavier, anos depois, à janela de um comboio onde faz o percurso de volta para uma visita ao orfanato. O raccord corresponde a uma elipse, incisivo e seco. Para o fim, um plano idêntico de Xavier à janela de um outro comboio trá-lo de novo a Lisboa. A estrutura do filme, como se verá romanesco e estilizado, é nesse sentido circular, mas o que também fica indicado no plano inicial em que o título do filme se vem inscrever, é que este é o filme de uma personagem em deriva (não “à” mas “em” deriva). O movimento de Xavier é constante e por isso há viagens, visitas, e o saltitar de Xavier de emprego em emprego, em que trabalha para conseguir tirar a mãe do manicómio (a loja de electrodomésticos, a alusão à passagem pela casa de fotocópias, a fábrica de chocolates, as obras, o posto de gasolina...). Xavier não se fixa e também circula muito no tempo que passa com as restantes personagens, entre Rosa e Luísa, com Hipólito e os outros amigos, com Quim, com a Irmã Luz, com o padrinho.

Que se trata de uma personagem que, embora bastante acompanhada, permanece “à parte” relativamente às outras, fica claro desde cedo. Veremos que mantém sempre alguma reserva, que não embarca nos esquemas dos amigos embora conviva com eles, que é incerta a relação de familiaridade com o padrinho ou que não fala da mãe a Hipólito, mas há um plano inicial que o diz de outro modo quando, no cimo do terraço de um prédio onde está a arranjar antenas de televisão, Xavier olha para a rua lá em baixo. E tirando o plano apaziguado em que Xavier e a mãe estão sentados lado a lado com as caras voltadas para o sol, sem trocar uma palavra, com tempo para Xavier reparar nas curvas do corpo da enfermeira que lhe vem falar, parece haver apenas um plano de encontro em *Xavier*, um plano inteiramente feliz: o travelling que acompanha Xavier e Luísa, descontraídos e sorridentes, à noite, com a Alameda em fundo. Mas convém lembrar que aí o que se ouve, repetindo a cena anterior da aula de inglês, são os versos de Keats que se não estiveram na origem de Xavier podiam muito bem ter estado e que voltarão outra vez lá para o fim: “There was a naughty Boy, A naughty boy was he...”

Como em outros filmes de Manuel Mozos – pense-se nos dois filmes da fase inicial cujos títulos acabam em reticências... no *Um Passo, Outro Passo e Depois...* e em *Quando Troveja...* –, o ponto (não apenas de partida) é a perda. Num texto escrito sobre *Xavier* quando este ainda era um filme incompleto, Miguel Gomes refere a ausência do pai como o pólo de descentramento de Xavier. Mesmo dando de barato essa ausência, como o filme dá nunca aludindo à sua figura, ainda que haja várias figuras substitutas, como a do padrinho ou a própria encarnação desse papel paterno por Hipólito e pelo próprio Xavier em relação a Quim (as cenas dos treinos no Estádio ou, sobretudo, a cena em que Xavier ensina Quim a barbear-se), a perda afectiva de Xavier é também a sua cicatriz. Entretanto deixada por Xavier num asilo, numa dura réplica ao abandono inicial do miúdo no orfanato, a mãe acaba por se matar. A cena da morte dela, dada num único plano na reacção de Xavier, corresponde ao aprofundamento dessa cicatriz e é então que Xavier deixa Lisboa. Quando volta, o filme aproxima-se do fim. Algumas coisas mudaram para as personagens. Xavier regressa a um dos seus lugares, para uma cerveja com Rosa. “Não tomas mais nada? / “Uma caneca”. Assim mesmo, um fim anti-climático, discreto e contido, em suspenso também. E parece tão de acordo.

Maria João Madeira